



UNICEUB – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

**A VIOLÊNCIA NA TV SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS
ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

ALEX CRUZ BRASIL

RA Nº 2029455/3

Prof.^a Orientadora: Ellis Regina Araújo

BRASÍLIA/ DF, MAIO DE 2007

ALEX CRUZ BRASIL

**A VIOLÊNCIA NA TV SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS
ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília – submetido à banca examinadora do curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília.

Prof.^a Orientadora: Ellis Regina Araújo

BRASÍLIA/ DF, MAIO DE 2007

ALEX CRUZ BRASIL

**A VIOLÊNCIA NA TV SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS
ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília – submetido à banca examinadora do curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília.

Orientadora: Prof.^a MsC Ellis Regina Araújo

Examinador: Prof. Dr. Sérgio Euclides B. L. de Souza

Examinador: Prof.^a Esp. Rosângela Zorzo

BRASÍLIA/ DF, MAIO DE 2007

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os jovens que tiveram suas vidas interrompidas estupidamente em atos de violência no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amor e companheira Yandra pela compreensão de dividir o pouco tempo livre com o tempo necessário para a realização da pesquisa e que sempre me ajudou nos momentos difíceis oportunizando a conclusão deste trabalho.

Às minhas filhas Thábatta e Ayana pelo amor, alegria e perdão pelo tempo sem dar atenção devida.

Aos meus pais, José Ribamar e Maria Dinalva, pelo cuidado, carinho e apoio no início da construção de minha vida.

Aos meus irmãos Vladimir e Yure, pelo cuidado, atenção, apoio e pelos grandes momentos alegres e tristes compartilhados.

À minha professora Ellis Regina Araújo pela orientação e ensinamentos e também por admirar seu profissionalismo e atividade docente.

Ao Gilson e à Viviane pelas conversas, colaboração profissional e, em especial, pelas grandes contribuições e incentivos na realização deste trabalho.

A todos os meus professores do curso de Jornalismo, pelos ensinamentos e conhecimentos. E, para alguns em especial, também pelo carinho e apoio recebidos.

Aos meus alunos, com quem aprendo diariamente aperfeiçoar a prática docente e lições de vida que admiro e respeito.

Aos amigos do curso pelas discussões e ensinamentos compartilhados.

EPÍGRAFE

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento,
mas ninguém diz violentas as margens que o
comprimem”.

Bertold Brecht

RESUMO

O presente trabalho buscou levantar e analisar a percepção do fenômeno da violência na TV de jovens da periferia de Brasília. O estudo trata-se de uma abordagem quantitativa realizada com alunos da 8ª série do ensino fundamental em uma escola pública do Distrito Federal. Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado numa amostra de 59 participantes. O tratamento dos dados contou com o auxílio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*, pacote estatístico para as ciências sociais). Como resultado, verificou-se uma percepção da presença de violência na TV. Os pesquisados passam boa parte do tempo em frente à TV e a maioria entende que a exibição de cenas de violência pode influenciar as pessoas a cometerem atos violentos. Há uma necessidade de buscar em programas televisivos conteúdos educativos; sem a presença constante de cenas de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência na TV. Violência. Televisão. Comunicação.

ABSTRACT

The present work aimed at collecting and analysing the perception of Brasília's periphery's youth about the phenomenon of violence on TV. This research is about a quantitative approach done with students from the 8th degree of the fundamental education in a public school in Distrito Federal. The information was obtained through a structured questionnaire applied in a sample of 59 participants. The treatment of the data was made with the help of SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). As a result, a perception of the presence of violence on TV was verified. The participants spend a great time watching TV, and the majority of them understands that the showing of violence scenes can influence people to commit violence acts. There is a need to look for educational contents on TV programs; without the constant presence of violence scene.

KEYWORDS: Violence on TV. Violence. Television. Communication.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VI
ABSTRACT	VII
INTRODUÇÃO	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 A VIOLÊNCIA.....	14
1.2 A TV	19
1.3 A VIOLÊNCIA E A TV.....	25
2 MEDODOLOGIA DA PESQUISA	29
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	29
2.2 AMOSTRA	29
2.3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA	30
2.4 INSTRUMENTO	31
2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	32
3 RESULTADOS E ANÁLISES	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	44
ANEXO A - QUESTIONÁRIO	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na disciplina de Monografia do curso de Jornalismo no Centro de Ensino Universitário de Brasília. Consiste em apresentar e analisar a percepção de alunos das 8ª séries de uma escola pública da Samambaia acerca da violência na televisão.

A proposta inicial foi pesquisar a percepção da violência na TV, a partir da realização de levantamento de dados secundários (da revisão bibliográfica relativa à violência, televisão, e violência e TV) e primários (aplicação de questionários, com perguntas estruturadas).

Atualmente, a violência constitui um fenômeno em curso em âmbito mundial e que vem afetando os mais variados aspectos das relações sociais. A violência é destacada por pessoas de diferentes classes sociais como um dos problemas cruciais, principalmente aquela que atinge a vida e a integridade física dos indivíduos. Para Costa (1999), no mundo contemporâneo, a violência, bem como a economia, constituem fenômenos globalizados. Assim, a insegurança, no mundo moderno, está fortemente relacionada à ascensão da violência (TEIXEIRA; PORTO, 1998, p. 51).

O panorama social brasileiro encontra-se em um estado de emergência no que tange à segurança. Nos meios de comunicação de massa, é denunciada a falta e, ao mesmo tempo, vende-se a violência em produtos da mídia. Isto se reflete também no ambiente escolar em vários atos violentos com conseqüências no desempenho do alunado.

A televisão, nos últimos trinta anos, ganhou relevância entre os meios de comunicação que atuam como formadores de opinião. No Brasil, a TV tornou-se poderosa fonte de influência na vida dos telespectadores fornecendo referências de comportamento, cultura e política.

Esta influência dos meios de comunicação na vida dos jovens ganhou grande destaque. As antigas instituições estruturais da formação do

indivíduo: família, igreja e escola foram perdendo espaço para os parâmetros comportamentais da TV, do rádio e da Internet.

Hoje, com o advento das novas tecnologias e recursos de mídia, a “nova mídia” transforma as relações com as comunidades, fragmentando as relações e permitindo inúmeras associações plurais de pertencimento (SILVERSTONE, 2002, p 183).

Várias pesquisas foram e são feitas para tentar avaliar os efeitos dos programas de televisão. Uma grande parte dedica-se a investigar as crianças e adolescentes, a quantidade de tempo em que passam diante da TV e as possíveis implicações para o comportamento. A respeito desses assuntos, um ponto controverso é o impacto da televisão na propensão para o crime e para a violência (STRASBURGER, 1999, p.57)

A relação entre a televisão e a violência não pode ser analisada de forma pontual, isolada; o fenômeno da violência constitui-se de diversas variáveis. A exibição de conteúdos violentos pela televisão acrescenta, no comportamento social, a estruturação de sociabilidades permeadas pela agressividade. Segundo a pesquisadora Maria Stela Porto:

Os meios de massa, se não são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, seriam, quando menos, um canal de estruturação de sociabilidades violentas, já que aí a violência é, não raro, apresentada como um comportamento valorizado. (PORTO, 2002, p.160).

Vale destacar que a Organização das Nações Unidas (ONU) propõe que o conceito de segurança humana abranja a instituição escola, assim como as vias públicas, o trabalho, o lar, dentre outros (LIBERAL *et al.*, 2005, p. S155). Para esses autores, a segurança no ambiente da escola – em suas nuances física, emocional e psicológica – preocupa responsáveis, docentes e membros dos estabelecimentos escolares.

Considerando a complexidade de fatores que envolvem o fenômeno da violência e, sobretudo a violência na TV, para pesquisar as nuances é necessário dar a voz aos telespectadores como afirma Duarte, Leite e Migliora:

[...] a melhor forma de investigar as relações que os espectadores estabelecem com os produtos audiovisuais é perguntando a eles o que pensam sobre o que vêem. Desse modo, questões que dizem respeito a como crianças e jovens percebem e analisam o que assistem na televisão, que entendimento têm das mensagens, informações e valores ali

veiculados, são colocadas para eles, e suas respostas, dadas oralmente ou por outros meios de expressão [...] (DUARTE; LEITE; MIGLIORA 2006, p. 499-500).

As notícias de violência no âmbito escolar são divulgadas em telejornais para o desespero de pais, professores, funcionários e da sociedade em geral. O incremento do efetivo policial nas escolas dá um caráter bélico. Revistas, controle excessivo e humilhações passam a ser uma rotina escolar em que imperam o medo e a desconfiança.

A violência em instituições escolares tem como consequência problemas no desempenho dos alunos como fracasso escolar, evasão, repetência e dificuldade de relacionamentos interpessoais.

Ao se entender a escola como um espaço de criação e inclusão, faz-se necessário redefinir as estratégias para combater a violência nas escolas. Nesse sentido, é importante traçar um perfil dessa situação buscando posteriormente formular estratégias preventivas. E, sobretudo, entender o fenômeno violência tendo como subsídios as informações de atores que compõem a execução das atividades pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem e que convivem com todas as consequências deste problema social.

Então, é a partir da compreensão do fenômeno violência na TV que se pode intervir, seja de forma curativa ou preventiva, na maneira como é encarado o problema pelos alunos e traçar estratégias preventivas de evitar a proliferação de uma “cultura de violência”.

De acordo com Liberal *et al.* (2005, p. S155), a escola passou a desempenhar um papel em relação ao tema segurança no momento em que houve um incremento na complexidade do fenômeno que exige a atuação de diferentes profissionais, instâncias e setores da sociedade.

Vários autores destacam a escola no seu papel transformador por participar da socialização, formação do caráter, comportamento e cidadania (LIBERAL *et al.*, 2005, p. S160). Dessa maneira, ressalta-se a falha das instituições educacionais em não promover um ambiente seguro, o que prejudica o alcance de resultados nas diversas formas.

A partir dessas considerações, define-se como problema a percepção de violência na TV de alunos da 8ª série de uma escola de periferia. E

como hipótese que os alunos de escola 507 da Samambaia têm uma percepção maior de violência na TV em decorrência da adversidade do espaço geográfico e da realidade sócio-econômica da qual fazem parte.

Os objetivos se resumem nos propósitos do estudo. São circunstâncias ou fins a que se dá importância e se tem como primordial no desenvolvimento de um estudo. Conforme Rudio (2004, p. 56): “O objetivo predeterminado é a solução que se pretende alcançar para um determinado problema”. O objetivo geral deste estudo é o de conhecer e explorar a percepção de alunos de uma escola pública sobre a violência na TV.

Os objetivos específicos estão enumerados abaixo:

- a) fazer um levantamento da percepção dos alunos da escola pública sobre a violência na TV;
- b) compor uma revisão literária do tema estudado (violência, televisão e violência e TV);
- c) tabular os dados dos questionários;
- d) analisar os dados obtidos, criando um perfil da violência na TV percebida pelos alunos pesquisados;
- e) identificar as cenas mais comuns de violência percebidas na TV.

Neste sentido, este trabalho estrutura-se no decorrer de quatro capítulos. O primeiro capítulo traz uma revisão de literatura referente à violência, à televisão, e à violência e TV, todos com a descrição histórico-conceitual como forma de dar um maior embasamento teórico ao estudo realizado. Essa revisão revela-se importante, não apenas para caracterizar o fenômeno violência na TV, mas também para analisar a adequação das relações de violência e TV na análise dos dados do projeto, legitimando-o em teoria e prática.

O capítulo dois trata da metodologia empregada, descrevendo o tipo de pesquisa, a amostra, o local de pesquisa, o instrumento usado e o procedimento para a coleta de dados. A metodologia usada foi de caráter quantitativo com um questionário estruturado para coleta de dados, aplicado a 59 alunos da 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública. O tratamento dos dados contou com o

auxílio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), pacote estatístico para as ciências sociais.

O terceiro capítulo trata dos resultados e análises da pesquisa, a caracterização dos dados, a tabulação e a crítica da violência na TV frente a revisão de literatura. Em seguida, apresentam-se as considerações finais e as referências utilizadas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A VIOLÊNCIA

As origens da violência não podem ser remontadas nas aproximações de um período histórico em decorrência de não se ter um marco temporal para defini-lo. O que se sabe é que em sociedades mais antigas ela esteve presente de diferentes formas e com múltiplas significações. A violência é tão antiga quanto o homem (RODRIGUES, 1973, p. 363).

Mesmo antes do mito bíblico do assassinato de Caim pelo irmão Abel (Gênesis 4:8), tido como o primeiro crime, muitos mitos já traziam no bojo atos de violência, como práticas dos deuses gregos e histórias das tragédias de Sófocles.

Hobbes, na famosa obra o “Leviathan”, traz uma visão pessimista do homem, tendo como característica inata, a agressão mútua do homem contra o homem. Sodré (2002, p. 20-23) e outros autores vão afirmar que o meio em que o homem se encontra determina as atitudes. Controversas são as opiniões.

A pesquisadora Maria Regina Costa (1999) esclarece que o entendimento a respeito da violência muda à medida que a sociedade, a cultura e o contexto histórico variam. Assim, o debate sobre o que venha a ser o fenômeno da violência é controverso, principalmente no meio acadêmico, pois perpassa por várias áreas do conhecimento como a Sociologia, Psicologia, Educação etc.

A violência sempre esteve presente na vida dos seres humanos. O que mudou foi a visão de respeito e a importância da vida nas sociedades. O fenômeno violência é comum a todas as civilizações visto que estrutura a vida nas organizações sociais (TEIXEIRA; PORTO, 1998, p. 57).

Como tema complexo e denso, o fenômeno abrange vários campos ideológicos e científicos que apropriam para si o direito de explicá-lo, mas somente uma análise multifacetada é que permitirá se chegar a algum ponto comum, dadas as nuances físicas, psicológicas, culturais, simbólicas, entre outras.

O termo violência tem origem na palavra latina *violentia*, derivado da raiz *vis* que quer dizer força. Conforme esclarece Sodré (2002, p.19), “*No antigo indo-europeu, vi era o termo usado para designar a fibra com que o arqueiro vergava a madeira para atirar a flecha*” (grifo nosso), daí sua equivalência a força no sentido puramente descritivo, como originário de poder de transformação (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2000, p.1292).

No léxico, significa ato de violentar, constrangimento físico ou moral, uso da força, coação. Verifica-se, assim, que o termo violência encerra as idéias de agressão e maus-tratos, ou seja, ato que deixa marcas evidentes ou presumidas. Nieburg a conceitua como: “*uma ação direta e indireta destinada a limitar, ferir ou destruir pessoas ou bens*” (NIEBURG, 1973 apud MICHAUD, 1989, p.10).

O Dicionário Houaiss (2001)¹ registra o vocábulo violência em várias acepções como: qualidade do que é violento; ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força; e ainda, como constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação.

Para Bobbio, Matteucci e Pasquino no “Dicionário de Política”; o conceito de violência é:

Por Violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja Violência é preciso que a intervenção física seja voluntária: o motorista implicado num acidente de trânsito não exerce violência contra as pessoas que ficaram feridas, enquanto exerce Violência quem atropela intencionalmente uma pessoa odiada. Além disso, a intervenção física, na qual a Violência consiste, tem por finalidade destruir, ofender e coagir. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2000, P.1291).

Sabe-se que em sociedades antigas a violência esteve presente de diferentes formas e com múltiplas significações. Nesse sentido, Camacho (2001, p.128) argumenta que a diversidade de significados atribuídos à violência pode ser explicada por compreensões distintas sobre o fenômeno em diferentes períodos históricos.

Há uma diversidade de manifestações pertinentes à definição da violência (ROCHA, 1999, p.89), fato este que torna o construto ainda mais complexo e, portanto, difícil de ser definido.

¹ Conceito retirado do Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0, dez 2001.

Para Ristum; Bastos (2004, p. 226), a compreensão do fenômeno violência é dificultada em decorrência de sua polissemia conceitual. As autoras afirmam que os problemas do conceito devem-se ao fato das definições serem embasadas no julgamento social. Esta visão é compartilhada por Itani (1998, p.37) ao propor que a noção de violência está relacionada a referências externas. Nesse sentido, a diversidade de significados atribuídos à violência pode ser explicada por compreensões distintas sobre o fenômeno, em diferentes períodos históricos, bem como pela diversidade de valores e concepções pessoais (CAMACHO, 2001, p.130).

Dentre as categorizações da violência, as modalidades mais conhecidas, de acordo com a publicação “Questões da infância e da adolescência na escola” veiculada pela organização não-governamental Instituto Educar, são:

a) violência física no uso da força ou atos de omissão praticados pelo(s) atacante(s), com o objetivo claro ou não de ferir; deixando ou não marcas evidentes;

b) violência psicológica que consiste na rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito e punições exageradas; esse tipo de agressão não deixa sinais visíveis; mas marca por toda a vida;

c) negligência no ato de omissão do responsável pela criança ou adolescente em prover as necessidades básicas para seu desenvolvimento, ou alguém capacitado para algo que se omite em detrimento de outrem;

d) violência sexual, abuso de poder no qual a pessoa é usada para gratificação sexual de outra, sendo induzida ou forçada a práticas sexuais com ou sem violência física.

Um outro conceito de violência foi formulado por Bourdier (1992): a violência simbólica definida como processo de imposição dissimulada de um arbitrário cultural, causando perda da cultura familiar e a inculcação de uma nova cultura exógena que legitima a cultura da classe dominante.

Numa concepção política, a violência pode ser entendida como um instrumento necessário quando ocorre o esvaziamento do poder. A filósofa Hanna Arendt (1994) afirma que quando o poder é enfraquecido, incide uma tentação para

trocá-lo pela violência. Esse contexto é, em sociedades modernas burocratizadas e de poder monopolizado, acompanhado pela dificuldade para mobilizar o conjunto de pessoas.

Politicamente, o ponto é o de que com a perda do poder torna-se uma tentação substituí-lo pela violência.(...) A violência aparece onde o poder está em risco, mas deixada a seu próprio curso, ela conduz á desapropriação do poder. (ARENDT, 1994, p.44).

A organização social exige um engendramento de normas e condutas “aceitas” pelas pessoas constituintes de uma determinada comunidade. Para que haja uma coexistência pacífica entre os indivíduos e grupos, há a necessidade de que a violência seja um instrumento de controle social. Como argumenta Bobbio, Matteucci e Pasquino:

Ora, para manter as condições externas da coexistência pacífica quer dizer impedir as ações violentas entre grupos e indivíduos que fazem parte da comunidade; e a experiência consolidada das sociedades políticas tem demonstrado até hoje que, para conseguir este objetivo, é indispensável a ameaça da Violência do Estado e sua imposição regular em caso de desobediência.

Vale observar que de monopólio da violência se pode falar no que se refere às que Max Weber chamava “as comunidades políticas plenamente desenvolvidas”, nas quais se processa, ao redor de um poder central de governo [...] (BOBBIO;MATTEUCCI; PASQUINO, 2000, p. 1923).

E ainda :

[...] a Violência através de um ou mais aparelhos especializados (a polícia, o exército), que dispõem de maneira preponderante em relação a todos os outros grupos internos da comunidade de homens e de meios materiais para usá-la. (BOBBIO;MATTEUCCI; PASQUINO, 2000, p. 1923).

Em contrapartida, com a consolidação dos Estados modernos e o declínio das vinganças privadas, guerras etc. o instituto da violência, grosso modo, passou ao monopólio legal do Estado, mas como contempla Sodré :

[...] entretanto, o monopólio jurídico da violência pelo Estado e a disseminação das ideologias de disciplina e autocontrole não cont m por inteiro a eclosão da violência em seus variados aspectos. De um lado, os atos agressivos tendem a se concentrar e a se potencializar nas esferas da sociedade à margem do absoluto controle estatal [...] (SODRÉ, 2002, p.28).

De acordo com os objetivos propostos no presente estudo, consideram-se apenas as definições de violência que perpassam a noção de uma ação que tem por objetivo causar dano a outrem (RODRIGUES, 1973, p.366). É importante destacar que essa ação deve ser caracterizada pela presença de intencionalidade.

Nota-se, no entanto, que a compreensão do fenômeno violência não se restringe à noção de crime, de atos ilícitos. Rocha (1999, p.86) considera que a violência, por vezes, configura-se como um modo de expressão de grupos excluídos que o fazem com o objetivo – inconsciente, é claro – de subsistir. Covre (1996) afirma que o indivíduo quando é incapaz de perceber-se como membro do próprio país, desenvolve atividades cotidianas à margem dos canais e lugares de participação na vida pública, impossibilitando assim qualquer ação que possa vir a influenciar a sociedade como um todo. Com isso, é forçado a ficar em posição reativa, quando não passiva. Desta forma, melhoras em suas condições de vida são vistas mais como benesses, em vez de serem resultado de sua participação pública.

Segundo Rocha (1999, p.86), configura-se um cenário caracterizado por banalização dos delitos, amplificação dos riscos e crescente medo social. Nesse cenário, a violência aparece como referencial e, de acordo com a autora, vivencia-se a chamada “cultura da violência”. A disseminação da idéia de que os atos violentos são inevitáveis e a valorização do emprego da força são indícios dessa cultura. A esse entendimento soma-se a idéia de que a violência deve ser controlada não importando os meios (TEIXEIRA; PORTO, 1998, p. 57) e, ainda, no caso brasileiro, Sodré esclarece:

No caso do Brasil, a coexistência dos modelos de encadeamento e de mediatização gera uma fricção que assume socialmente características de violência institucional ou burocrática. Assim, a relação entre os meios de comunicação (em primeiro plano, a televisão e rede cibernética) e a violência de comunicação se articula com as condições reais de vida da população. (SODRÉ, 2002, p.37).

O termo violência compreende tanto manifestações concretas e diretas, tais como, o uso da força e da coação, quanto aquelas indiretas, subjetivas e, atualmente, a violência é percebida e empregada de maneira polimorfa (ROCHA, 1999, p.89). Nesse sentido, Itani (1998, p.38) afirma que a violência se concretiza de várias maneiras e nos diversos grupos sociais.

A violência é um problema de toda a sociedade, uma vez que ela tem efeitos destrutivos para todos os integrantes. Esta realidade é inserida no "pedágio" de traficantes na entrada das escolas, na guerra de gangues que deixam rastros de vítimas e no uso de armas pelos jovens para acertarem "contas" com rivais por motivos dos mais fúteis.

Os problemas relacionados à violência urbana refletem-se na convivência entre as pessoas, segregando-as. Os crimes hediondos, os seqüestros, os acidentes de trânsito, as brigas nos campos de futebol, as agressões em família, os protestos que a polícia reprime tornam o espaço social tenso, em que as maiores vítimas são os jovens.

1.2 A TV

A abordagem da violência nos meios de comunicação deve ser precedida de algumas considerações sobre a manifestação de um dos meios de comunicação mais importantes e influentes da atualidade: a televisão.

Dentre os meios de comunicação contemporâneos a TV é o meio que tem um alcance e uma acessibilidade maior do que outros meios (REZENDE 2000, p.31). Distribuída em diversos países e com características próprias, ela representa fonte de entretenimento, informação, publicidade e representações sociais de comportamentos.

O advento da televisão deve-se a grandes matemáticos e físicos, pertencentes às ciências exatas que entregaram para as ciências humanas um grande e poderoso veículo de informação e conhecimento. As primeiras transmissões televisivas realizaram-se em 1920, graças ao inglês John Logie Baird, por meio do sistema mecânico baseado no invento de Nipkow. Assim, John Logie Baird é tido como o criador da televisão. Com um protótipo de câmera que ele mesmo inventara, Baird transmite imagens de seu laboratório para uma platéia composta de cientistas em fevereiro de 1926.²

No Brasil, a TV inicia a transmissão em 1948 (MATTOS 2002, p.49), durante a comemoração do centenário da cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais, com uma transmissão experimental, mostrando cenas do Congresso Eucarístico, realizado na cidade, e o jogo de futebol entre os clubes Bangu (RJ) e Tupi (time local).

O impacto da TV na conjuntura social brasileira atuou de forma diferente dos países desenvolvidos. Conforme Rezende (2000, p.23):

² Informação obtida por meio do sítio < <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/#> > acessado em 2 de abril de 2007.

No caso brasileiro, a TV não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação. Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população. (REZENDE, 2000, p.23).

E completa:

Vários fatores contribuíram para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a impossibilidade de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia. (REZENDE, 2000, p.23).

A forma da implantação da TV no Brasil também sugere a concentração das concessões de uso da difusão em torno de favorecimentos políticos a algumas famílias da oligarquia brasileira, segundo afirma Mattos:

Desde o seu início, a televisão teve uma característica: todas as 286 geradoras (emissoras que podem exibir programação própria) e 8.484 retransmissoras em funcionamento até em julho de 2000 – de acordo com dados da Abert³ – estão sediadas em áreas urbanas. Suas programações são dirigidas às populações urbanas, são orientadas para o lucro (com exceção das estações estatais), seu controle acionário está concentrado nas mãos de uns poucos grupos familiares e funcionam sob o controle da legislação existente para o setor. Além disso, a televisão brasileira é fortemente dependente das verbas publicitárias, alocadas principalmente pelas agências de publicidade. (MATTOS, 2002, p.50).

E ainda, *“O crescimento inicial da televisão, a partir de 1950, pode ser atribuído ao favoritismo político, o qual concedia licenças para exploração de canais sem um plano estabelecido[...].”* (MATTOS, 2002, p.51).

No início da consolidação da TV no Brasil, em meados da década de 1960, este veículo era acessível a uma pequena parcela da população urbana. Popularizada entre o final da década de 1970 e o ano de 1980, a TV tornou-se a mídia de maior influência nas camadas pobres da população (MATTOS, 2002, p.78).

Em um país com um baixo nível de instrução e letramento, com um contingente enorme de analfabetos, a TV surge para ocupar as lacunas do rádio e da mídia impressa; acabando por tornar-se um dos principais meios de informação e lazer da classe pobre (DUARTE; LEITE; MIGLIORA, 2006, p. 503).

Os dados quantitativos revelam que a TV, após a década de 1980, teve uma grande penetração no público brasileiro. Existiam 140 estações de TV e 26 milhões de TVs no Brasil com um alcance de cerca de 80 milhões de pessoas em 1988 (TEIXEIRA, 1991, p. 70). Atualmente, 91,4% das residências brasileiras

³ Associação Brasileira de Emissoras de Rádios e Televisão (nota minha).

possuem tv, segundo estatísticas de 2003, da Teleco - Informações em Telecomunicações⁴.

O Brasil possui uma concentração muito grande de poder na mídia, em que poucas corporações dividem os meios de comunicação brasileiros. Esmiuçando-se esse poder nos Estados, percebe-se que os meios de comunicação estão nas mãos de algumas famílias com estreitas ligações no cenário político brasileiro como as famílias: Sarney no Maranhão, Magalhães na Bahia, Collor em Alagoas, Alves no Rio Grande do Norte, Sirotsky no Rio Grande do Sul, Campos no Tocantins, Franco em Sergipe, Coelho em Pernambuco, Martinez no Paraná etc. (BEZERRA, 1999, p.82-83).

A televisão foi alvo de críticas quanto ao grau de alienação que proporcionaria aos telespectadores, principalmente nas décadas de 1960 e 1970 (MARCONDES FILHO, 1994, p.29). Críticas essas que apontaram a relação da TV com a passividade do público e a fuga da realidade, assim esclarece Garcia:

A televisão serve antes de mais nada para a difusão de notícias, o telejornalismo. Como a imprensa escrita, passa por processos de seleção e interpretação, depende de anúncios pagos e de concessão governamental, o que a transforma em instrumento de difusão das ideologias dos grupos econômicos ou do governo. A forma como são produzidos os programas deu à televisão o caráter de instrumento para tornar a população mais passiva. Novelas, programas de auditório, shows de variedades, apresentação de cantores, jogos, disputas, esportes e sorteios absorvem grande parte da capacidade crítica do espectador, conduzindo-o a uma espécie de fuga da realidade. (GARCIA, 1985, p. 74).

Uma das críticas mais conhecidas à TV foi a de um pronunciamento do ex-presidente da FCC⁵, na convenção anual da National Association of Broadcasters, em maio de 1961. Para ele, a televisão era *“um desfile de programas, de jogos, violência, sadismo, assassinato, bandidos e mocinhos de banguê-banguê, detetives particulares, gângsteres, mais violência e desenhos animados.”* (Apud DIZARD JUNIOR, 2000, p. 127).

A televisão também é acusada de servir de instrumento de controle ideológico, no sentido de impedir que as pessoas tenham consciência das condições de vida e como aparelho ideológico do Estado. A TV distrai a atenção dos

⁴ Informação obtida por meio do sítio < <http://www.teleco.com.br/nrtv.asp> > acessado em 15 de junho de 2007.

⁵ A Federal Communications Commission (FCC) é uma agência governamental, surgida em 1934, que regula a comunicação interestadual e internacional pelo rádio, televisão, fio, satélite e cabo nos Estados Unidos.

telespectadores com bombardeios de notícias e fatos atrativos desviando a atenção dos problemas sociais e econômicos (ALTHUSSER, 2001; GARCIA, 1985, p. 59).

O alcance da televisão ainda é um fenômeno, ela está presente em quase todos os países do mundo e encontra-se em expansão com a introdução de redes de satélites de transmissão direta e o advento da televisão a cabo. Os Estados Unidos lideram os programas produzidos para a TV, uma pesquisa revelou que, no início da década de 1980, os americanos eram donos de 77% dos programas assistidos na América Latina, 70% no Canadá e 44% na Europa Ocidental (DIZARD JUNIOR, 2000, p. 143).

Como meio de comunicação, a TV estabelece pontos de contato entre destinador e destinatário mediada pelo espetáculo na forma da função fática da linguagem, como explica Rezende:

Ao cumprir a função fática, o discurso na TV se estabelece como um contato permanente entre o emissor e o receptor, por meio de um espetáculo contínuo levado diretamente ao telespectador que o recebe no aconchego do meio familiar. Mediante essa interpelação que instaura um clima de familiaridade, de conversa íntima [...] (REZENDE, 2000, p.56).

A televisão moderna fascina e traz benesses quando analisada “superficialmente”. Um conjunto de informações ao toque de um botão, variados canais com filmes, programas e imagens dos mais distantes rincões do mundo fornecem um lazer quase que interminável. Tal progresso merece ressalvas, ao acesso de crianças e adolescentes de forma precoce à violência gratuita, ao sexo e pornografia, além do estímulo de um consumismo desenfreado.

Conforme atesta Rezende, os canais de televisão brasileiros destinam, em grande parte, a programação para escalonar o lucro das empresas, buscando maiores índices de audiência a partir da veiculação de programas-espetáculo, bem como de uma narrativa sensacionalista:

Nas emissoras de TV – predominantes no Brasil – a programação adota um caráter primordialmente diversional que afeta, inclusive, as produções telejornalísticas motivada por essa ideologia do entreter para conquistar maiores níveis de audiência e faturamento, a televisão privilegia a forma do espetáculo. (REZENDE, 2000, p. 56).

O lado positivo da televisão é ofuscado pelo arbítrio da lógica capitalista do lucro, que, visando uma maior audiência e poder sobre os concorrentes, não primam pela ética e a qualidade dos conteúdos exibidos com raras exceções. Dos telespectadores que assistem aos programas da TV, os

segmentos mais atingidos por conteúdos de violência e sexo são as crianças e adolescentes, que, muitas vezes, não têm uma supervisão familiar para orientá-los no entendimento da complexidade desses problemas. Como explica Silva (2005):

[...] através de pesquisas empíricas em todo o mundo, de que as crianças são muito mais vítimas do que beneficiárias dos media. Os conteúdos educativos perdem para as programações repletas de violência e de degradação dos valores morais e humanos. (SILVA, 2005, p.23).

A TV e a publicidade caminham juntas em uma interdependência financeira que estimulam o consumismo e alienação. “*A indústria televisiva tem a publicidade como sua principal fonte de renda, apesar de no início terem sido poucos os comerciais, [...]*”. (MATTOS, 2002, p.81).

Essa relação intrínseca da TV e da publicidade, aliada ao fato de que, no Brasil, a TV é predominantemente privada, faz com que a veiculação de programas escolha conteúdos que visem os maiores índices de audiência possíveis, proporcionando lucro para a empresa de comunicação. Neste aspecto, a violência é um produto altamente rentável, como explica Porto:

A comunicação e a informação estão organizadas empresarialmente, com as conseqüências daí recorrentes, em termos de mercado. A violência é assim, uma moeda que com alto poder de troca, porque uma mercadoria vende e vende bem. (PORTO, 2002, p.165).

Na TV, ocorre uma ambigüidade, característica encontrada em outros veículos de comunicação de massa. A TV contribui para a aceitação de padrões de consumo e para a incorporação não-crítica das informações e mensagens, e, ao mesmo tempo, cumpre o importante papel de despertar as emoções e as fantasias, elementos essenciais das necessidades humanas e que assumem importância crucial na fase da adolescência e da infância.

A TV, no Brasil, além da característica de ser majoritariamente privada, é uma concessão do Estado para as empresas privadas explorarem a radiodifusão (um bem público). Neste âmbito, a Constituição Federal de 1988 estabelece várias diretrizes que normatizam a veiculação e o papel da radiodifusão.

A regulação da televisão brasileira é prevista no artigo 21, inciso XVI da Constituição de 1988: “[...] compete à União exercer a classificação, para efeito indicativo, de diversões públicas e de programas de rádio e televisão”. E também em 1988, com redemocratização, foi criado o Departamento de Classificação Indicativa,

órgão pertencente ao Ministério da Justiça, que passou a fazer indicações aos programas televisivos por faixa etárias e horários de exibição.

Ainda conforme a lei maior do país, a regulação e a fiscalização das emissoras de televisão estão dispostas no artigo 220:

A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º - Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º - É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º - Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao Poder Público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º - A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º - Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º - A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade.

Tendo em vista o caráter público da TV, a Constituição é clara ao estabelecer um papel social da TV em seu artigo 221:

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Assim, a TV é um meio de comunicação de grande relevância para promover acesso à informação e à educação. Ao se entender a comunicação como cultura e como direito, bem como a informação, este meio deveria ter a responsabilidade social de promover o máximo de participação, solidariedade, liberdade e igualdade.

Porém o que se assiste na TV são imagens fortes, cenas de violência, uma ode ao consumo; e os impactos da TV e as conseqüências estão, de

alguma forma, relacionados com as estruturas sociais apresentadas e as representações pelo veículo. Sodré (2002, p. 28) indica a interdependência no trecho: *“O hiato entre a telerrealidade do consumo e a escassa realidade histórica da satisfação dos desejos midiaticamente produzidos é gerador de frustrações reais e, potencialmente de violência [...]”*.

O Artigo 76 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA trata dos conteúdos a serem veiculados nos programas da TV: *“As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infante juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”* e no seu parágrafo único: *“Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição”*. A questão controversa à lei é que as próprias emissoras orientam a classificação quanto a faixa etária e o horário de exibição, geralmente acatados pelo Ministério da Justiça (BEZERRA, 1999, p.30).

Há poucos mecanismos de regulação da TV brasileira, no que toca a exibição de cenas de violência e de sexo. Órgãos como a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a Associação Brasileira de Emissoras de Rádios e Televisão (Abert), o Ministério da Justiça e as organizações não-governamentais não têm o poder de coagir ou punir as emissoras, que se aproveitam do discurso da liberdade de expressão para extrapolar os conteúdos violentos na TV (BEZERRA, 1999, p.54).

1.3 A VIOLÊNCIA E A TV

A mídia, principalmente as redes de televisão, direciona uma concentrada atenção à violência, sem a prerrogativa de combatê-la ou eliminá-la; mas de explorar e especular atos de agressão; seja com detalhes, cenas em *close up* e, muitas vezes, de forma dramática para atrair um maior número de telespectadores (PEREIRA, 2003, p.50).

Desde o início da ascensão da TV, os conteúdos veiculados contêm cenas de violência o que gerou controvérsias quanto aos impactos dessas cenas no cotidiano das pessoas. A violência exibida tornou-se parte do entretenimento, uma necessidade a ser experimentada na tela, um fascínio que passa a integrar o

imaginário. As crianças também participam dessa necessidade, nas brincadeiras e encenações de fatos da TV vivenciando a agressividade em todos os sentidos. Como esclarece Morin:

[...] Bofetadas, golpes, tumultos, batalhas, guerras, explosões, incêndios, erupções, enchentes assaltam sem cessar os homens pacíficos de nossas cidades, como se o excesso de violência consumido pelo espírito compensasse uma insuficiência da violência vivida. Fazemos em toda segurança a experiência da insegurança, isto é, ainda da liberdade, pois “o homem livre é necessariamente sem segurança”, como disse Eric Fromm. Fazemos pacificamente a experiência da guerra. Fazemos passivamente a experiência do homicídio. Fazemos inofensivamente a experiência da morte. É preciso insistir neste último ponto, que nunca é salientado: não só pela necessidade de fazer a experiência do homicídio que existe a violência, é também pela necessidade de viver a morte – de conhecê-la; é isso que nos revelam claramente os jogos guerreiros das crianças: estes se contentam não só em matar ficticiamente, mas também em morrer ficticiamente, em cair num espasmo de agonia... O grande fascínio da morte emerge obscuramente, sob o jorro da violência...[...] (MORIN, 1997, p. 114).

A preocupação com o conteúdo que passa na TV, principalmente o que se refere a violência, é analisado em pesquisas, desde a década de 1970, principalmente em países desenvolvidos como os Estados Unidos. Vários estudos questionam os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, principalmente em razão da dominação e massificação cultural que promovem nos indivíduos. O fato é que a violência atrai uma atenção especial das pessoas quando exibidas nos meios de comunicação de massa, conforme afirma Rodrigues:

Os meios de comunicação são copiosos em ilustrações de violência as quais, convém ressaltar, suscitam especial curiosidade e até mesmo atração nas pessoas atingidas por tais meios. Manchetes em jornais, filmes no cinema e na televisão, fotografias nas revistas semanais, programas radiofônicos, e o próprio noticiário mundial exibem quotidianamente cenas de agressão e violência que nada ficam a dever às atrocidades perpetradas pelos primeiros povos de que nos fala a história da civilização. (RODRIGUES, 1973, p.363-364).

A violência integra as indústrias do entretenimento e do jornalismo porque é capaz de despertar o aparato cognitivo humano de sua apatia costumeira. Conforme Wainberg:

A mídia é sensível à capacidade que tais atos violentos têm de atingir com vigor os sentidos das pessoas. A atenção dos públicos é um produto escasso, e a violência, ao capturá-la, presta um serviço que vai além do mero despertar da percepção dos leitores, ouvintes e telespectadores. A própria recepção dos diversos segmentos do público é desafiada. (WAINBERG, 2005, p.11).

Os programas televisivos estão impregnados de cenas violentas. Filmes de “ação” até desenhos infantis são carregados de conteúdos de agressividade. Como ilustra Pereira na tese de mestrado:

Diariamente, a televisão e a radiodifusão transmitem às populações, retratos da violência cruel que fazem notícias, tais como crimes hediondos, atentados, seqüestros, desastres, chacinas, desvarios no âmbito do crime organizado, dentre outras coisas do gênero – hoje com acesso a notícias de todo mundo – recebem uma enorme e lastimável carga diária de imagens e descrições de violência, que já não distinguem bem o excepcional do habitual. (PEREIRA, 2003, p.50).

A constatação de que as produtoras de TV, em grande maioria, atuam como uma empresa inserida no contexto da economia de mercado, leva a crer que o objetivo das mesmas é o escalonamento do lucro. Assim, a determinação dos conteúdos a serem emitidos ao público tende a visar a uma maior audiência, para tal, um dos métodos é o do sensacionalismo. De acordo com (MORIN, 1997, p. 114) “[...] a imprensa capitalista consome de uma só vez catástrofes como Fréjus⁶, os grandes atos de sadismo, os raptos, os belos crimes passionais. Através do sensacionalismo [...].”

Um estudo empírico⁷ apontado por Wainberg sobre a cobertura da imprensa de homicídios nos Estados Unidos – numa média de 26 crimes por ano - traz a tona que as redações reconhecem e buscam esse tipo de matéria jornalística como forma de fascínio que essas notícias possuem sobre as audiências.

Segundo este estudo, os editores preferiram as matanças cometidas por indivíduos solitários que disparavam indiscriminadamente contra um público qualquer. Os fatores de noticiabilidade adicionais que influíram na decisão de incluir no noticiário tais personagens e atos são o número alto de vítimas, a utilização de armas, a realização do crime no lugar do trabalho, o fato de o crime ser inter-racial e a meia-idade do agressor. (WAINBERG, 2005, p.37).

Os programas de televisão sofrem um processo de edição dos conteúdos por profissionais da área de comunicação que visam ao aumento da audiência e, posteriormente, do número de anunciantes de publicidade. Os responsáveis por esta edição são chamados de *Gatekeepers* que têm a seguinte definição segundo Silva:

Da pauta à edição, a seleção e a hierarquização dos fatos que irão ser notícia dependem de profissionais que irão decidir sobre o que vai para o lixo e o que vai ser aproveitado em uma simples nota, numa página inteira, nas manchetes etc. O “Gatekeeping” é o selecionador, é ele quem faz a triagem, por exemplo, das matérias das agências de notícias que merecem escolha e destaque [...] (SILVA, 2005, p. 74, grifo do autor).

⁶ O autor refere-se à catástrofe na cidade de Fréjus na França onde ocorreu o rompimento da represa de Malpasset matando 421 pessoas em 1959.

⁷ O estudo analisou 30.027 matérias sobre 495 massacres cometidos num período de 21 anos. Duwe, Grant . *Body-count journalism Homicide Studies*, v.4, nº4, nov.,2000, p. 364-399.

A Organização Mundial dos Escoteiros divulgou uma pesquisa sobre como os jovens percebem a violência na tela. Sob a supervisão de Jacques Cassaigneau e Mateo Jover, foram aplicados 5 mil questionários em 23 países e analisados por Jo Groebel da Universidade de Utrech, em 1998. Com a seguinte análise de Arnaldo e Finnström:

[...] o estudo mostra que a televisão é uma meio sempre presente em todas as áreas pesquisadas, e que as crianças passam mais tempo em frente da TV (uma média de três horas) do que com qualquer outro meio de comunicação (rádio ou livros), ou qualquer outra atividade, inclusive lição de casa. Quase todos os jovens amostrados conhecem o *Exterminador*, ou *Rambo*, ou citam um herói local favorito como modelo principal. Em geral isto significa que muitas crianças vivem num ambiente onde tanto as experiências “reais” como as que advêm da mídia apóiam a visão de que a violência é natural. Um herói violento como o *Exterminador* parece representar as características que as crianças consideram necessárias para resolver situações difíceis. O fascínio pela violência está freqüentemente relacionado com heróis recompensados por suas ações porque são capazes de lidar com todos os problemas. Assim, a violência na tela se torna atraente como um modelo para resolver os problemas da vida real e, portanto, contribui para uma cultura agressiva global. (ARNALDO; FINNSTRÖM, 1999, p. 43-44, grifo do autor).

Apesar de inúmeros estudos feitos sobre a relação da violência e TV, não se pode afirmar objetivamente que a violência exibida na TV provoca a violência real. A forma ou o como a violência na mídia desencadeia mais violência na sociedade ainda é um campo controverso que carece de mais estudos científicos. Conforme esclarece Wright:

Em las discusiones sobre los efectos de los medios masivos suele haber una observable urgencia social, especialmente en lo que respecta a problemas sociales tan sobresalientes e imperiosos como la delincuencia juvenil, el crimen y la moralidad pública. Esta ansiedad social hace que la gente se impaciente ante una orientación científica lenta, objetiva y desapasionada frente a esos problemas y estimula la búsqueda de opiniones inmediatas y remedios sociales. (WRIGHT, 1963, p.121).⁸

Assim, a relação entre a violência e a TV ainda é uma incógnita, que carece de mais pesquisas para atestarem a influência da TV na prática de atos de violência.

⁸ Nas discussões sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa só há uma observável urgência social, especialmente no que se refere a problemas sociais tão evidentes e imperiosos com a delinquência juvenil, o crime e a moralidade pública. Esta ansiedade social faz com que as pessoas se impacientem ante uma orientação científica lenta, objetiva e desapaixionada frente a esses problemas e estimula a busca de opiniões imediatas e remedios sociais. (tradução minha).

2 MEDODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 TIPO DE PESQUISA

Segundo Vergara (1998), a pesquisa pode ser equacionada em dois parâmetros: quantos aos fins e quanto aos meios de investigação.

O presente estudo, quanto aos fins, é exploratória, descritiva e aplicada. Exploratória porque há pouco conhecimento acumulado e sistematizado sobre a violência na TV, em especial na escola 507 de Samambaia.

O estudo é de caráter descritivo, pois compreende a aquisição e revela informações representativas de uma situação concreta auferida na disposição dos dados da escola pesquisada. Continuando ainda nos fins, a pesquisa é aplicada por se propor a entender a percepção da violência na TV em situação prática por meio de uma pesquisa de campo e por buscar os dados diretamente no público pesquisado por meio da administração de questionários.

A motivação que conduz este trabalho é analisar como os alunos do Centro de Ensino Fundamental 507 de Samambaia percebem a violência na TV, qual a frequência que vêem TV, os tipos de cenas violentas assistidas e os fatores que, possivelmente, estão relacionados com essa violência. A natureza dos dados obtidos privilegia a interpretação quantitativa. Esse enfoque se justifica pelo caráter descritivo da realidade analisada.

2.2 AMOSTRA

A amostra da pesquisa é composta de 59 alunos de uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, localizada na cidade-satélite de Samambaia. A escola foi escolhida em função de sua acessibilidade.

Os alunos participantes da amostra são adolescentes de faixa etária de 14 a 19 anos. Considera-se como adolescência, neste estudo, o conceito de Arpini (1999, p. 100):

[...] adolescência como o período de crise que caracteriza a busca da identidade e de um projeto futuro, sendo justamente durante essa transformação que se colocam os valores, normas e exigências sociais que levarão o sujeito a assumir determinados papéis na vida adulta.

Todos os participantes estão matriculados na 8ª série do ensino fundamental, no turno vespertino. Os alunos foram distribuídos em turmas da seguinte forma: 8ªA -19 alunos, 8ªB -22 alunos e 8ªC -18 alunos.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

Localizado na cidade de Samambaia, o Centro de Ensino Fundamental 507 está inserido numa realidade adversa. Inaugurada em 6 de dezembro de 1996, a instituição de ensino ainda enfrenta a falta de asfalto e de iluminação nas imediações, constantes quedas de luz, escasso policiamento favorecendo a incidência da criminalidade, o que já resultou em vários acontecimentos violentos, em que a escola foi roubada e vandalizada diversas vezes. A infra-estrutura predial é precária, luzes queimadas, banheiros depredados e as salas possuem quadros pichados e janelas quebradas.

A cidade de Samambaia localiza-se na periferia de Brasília a cerca de 25 km da capital. É interessante destacar que Samambaia está inserida numa realidade adversa. Esta cidade satélite era um terreno da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), fracionado, inicialmente, para venda de lotes. O então governador, Joaquim Roriz, decide doar, com intuito político, muitos dos lotes a famílias que seriam retiradas de invasões e favelas precárias. Este governador, em 1992, funda a cidade.

Após esse período, a população de Samambaia aumentou significativamente, só que a infra-estrutura não acompanhou tal aumento contingencial. A falta de asfalto, queda de luz e pouco policiamento favorecem a incidência da criminalidade, resultando em vários acontecimentos violentos.

A facilidade de acesso ao gestor escolar de uma determinada escola desta região, juntamente com o alto número de casos de violência sofrido no meio escolar em Samambaia, segundo pesquisa realizada pela Comissão de Segurança Escolar do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios no mês de maio no ano de 2001, determinou a escolha do local em que se realizou a coleta de dados.

De acordo com esse estudo, Samambaia apareceu em primeiro lugar no *ranking* das escolas mais violentas. Mais de 50% dos colégios tiveram ocorrência de brigas com lesões corporais. A cidade é a maior em ocorrência de número de ilícitos no interior de escolas, primeira também em números de roubos e segunda em crimes por porte de armas dentro de escolas em relação a outras de Brasília.

A Gerência de Estatísticas do Centro Integrado de Operações de Segurança Pública divulgou os resultados dos crimes cometidos em 2006 e a cidade de Samambaia ficou em 2º lugar no número de homicídios e latrocínios.

2.4 INSTRUMENTO

O instrumento utilizado para coleta de dados consistiu em um questionário (Anexo A), composto de nove perguntas relacionadas à violência na TV, organizado com a finalidade de esclarecer, da forma mais objetiva e rápida possível, a percepção dos alunos frente ao fenômeno estudado.

A construção do questionário foi baseada na construção de índices e indicadores explicados pelo pesquisador Gil:

Um exemplo, para fins didáticos, acerca da construção de índices é o referente à variável “exposição aos meios de comunicação de massa” [...] podem ser identificadas dimensões da variável, que correspondem à exposição a cada um dos meios de comunicação.[...] os indicadores dessas dimensões, por sua vez, podem ser definidos como a intensidade do contato que um indivíduo ou grupo tem com esses meios. (GIL, 1994, p. 93).

As questões iniciais do questionário referiram-se a idade e ao sexo das pessoas pesquisadas, à exposição ao meio no tempo médio em que os alunos assistem TV por dia e por semana.

As outras perguntas trataram da crença de que os programas exibidos na TV são violentos, qual a intensidade da violência vista na TV, qual a cena de violência que a pessoa assistiu recentemente, se a violência na TV pode influenciar as pessoas a cometerem atos de violência, e por último, é perguntado se o que a pessoa faz quando é exibida alguma cena de violência na TV.

2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados, segundo Cardoso (1986), não propicia necessariamente um conjunto de conhecimentos, mas pode ser um norte para o desenvolvimento de dados questionados na pesquisa. A coleta prepara o terreno para a análise de dados, propicia a comparação entre a problemática do estudo (a violência na TV) e a revisão bibliográfica a fim de se apresentar uma convergência.

Inicialmente, visitou-se a instituição de ensino e o diretor da escola foi informado da proposta da pesquisa, objetivos e relevância. Na ocasião, marcou-se o dia e horário para aplicação dos questionários.

Na intenção de corrigir possíveis erros, aplicou-se um pré-teste com oito alunos da escola 507 de Samambaia para, só então, aplicar o questionário com o restante dos alunos. No pré-teste não houve problemas com o instrumento, porém na aplicação dos 85 questionários; 26 tiveram erros de preenchimento, marcações equivocadas, em branco ou com informações contraditórias. Estes instrumentos com problemas não foram contabilizados para fins de análise. Sendo assim, a amostra totalizou dados de 59 alunos.

A coleta de dados realizada na escola deu-se por intermédio do instrumento de questionário estruturado, que foi usado como roteiro para o levantamento de dados visando embasar a coleta.

Recolhidos os dados, partiu-se para a tabulação e análise dos resultados. Os dados foram tabulados por meio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* - pacote estatístico para as ciências sociais).

3 RESULTADOS E ANÁLISES

A seguir, realiza-se a tabulação e a análise com o uso dos questionários, comparações e situações percebidas na amostra. Procura-se identificar quais são as percepções de violência na TV existente e as relações implicadas com auxílio de referências bibliográficas.

As respostas relativas à distribuição dos alunos por idade estão na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1- Distribuição dos alunos entrevistados por idade.

Idades	Percentual	Frequência
14 anos	18,64%	11
15 anos	18,64%	11
16 anos	28,81%	17
17 anos	18,64%	11
18 anos	11,86%	7
19 anos	3,39%	2
Total	100	59

A idade dos entrevistados revela que há uma frequência maior de alunos de 16 anos (28 %). Os alunos com 15, 16 e 17 anos tiveram uma distribuição de 19 % cada um. Os dados revelam uma distorção de idade-série⁹ de 52,7% já que os alunos acima de 15 anos estão com idades acima da comum para 8ª série. A porcentagem é semelhante à da Secretaria de Educação do DF; de 52,12% em Samambaia no ano de 2006¹⁰.

As respostas relativas à distribuição dos alunos por sexo estão na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2- Distribuição dos alunos por sexo.

Sexo	Percentual	Frequência
masculino	42,4%	25
feminino	57,6%	34
Total	100	59

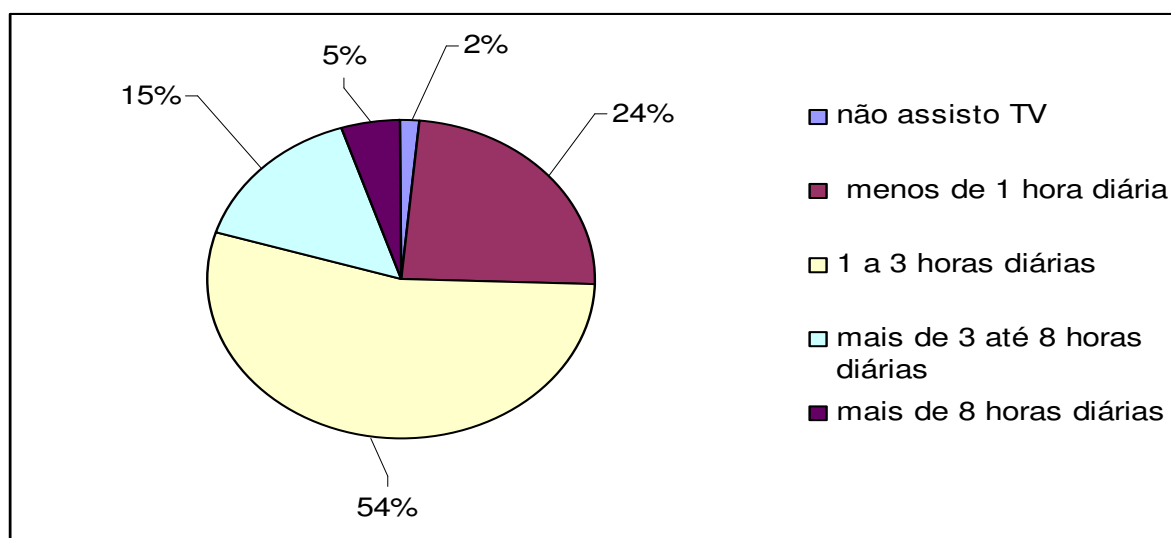
⁹ Idade-série refere-se a um indicador que mede o percentual de alunos que estão fora da faixa de idade compatível com sua série no ensino fundamental e médio.

¹⁰ FORA do compasso. Correio Braziliense, Brasília, p.28, 9 fev. de 2007.

A distribuição por gênero dos alunos entrevistados foi de 42% de homens e 58% de mulheres. Na média nacional há mais mulheres (48,95%) na rede do ensino fundamental pública do que homens (48,92%), segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP¹¹.

As respostas relativas à distribuição dos pesquisados por média de tempo que assistem TV por dia estão no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição da média de tempo que os alunos assistem TV por dia.



Apenas 2% dos alunos consultados responderam que não assistem televisão e 24% assistem menos de 1 hora diária. Percebe-se que mais da metade dos pesquisados (54%) assistem de 1 a 3 horas televisão por dia. Mais de 3 até 8 horas representou 15% da amostra e 5% assiste mais de 8 horas. Agregando os percentuais cerca de 74% dos pesquisados assistem pelo menos 1 ou mais horas de TV por dia.

Esses dados confrontados com relatórios de pesquisa realizados pela Unesco, confirmam a permanência excessiva de adolescentes em frente à TV. Neste sentido, é possível constatar que a TV cresceu em influência no fornecimento de modelos de comportamento e na construção de referenciais societários. Esta influência é ainda maior nas crianças e adolescentes. Segundo Silva:

Conforme um dos relatórios de pesquisas elaboradas para a Unesco nos anos de 1996 e 1997, abrangendo um universo de 5 mil alunos de 23 países, 93% das crianças nesse estudo tinham acesso a um aparelho de

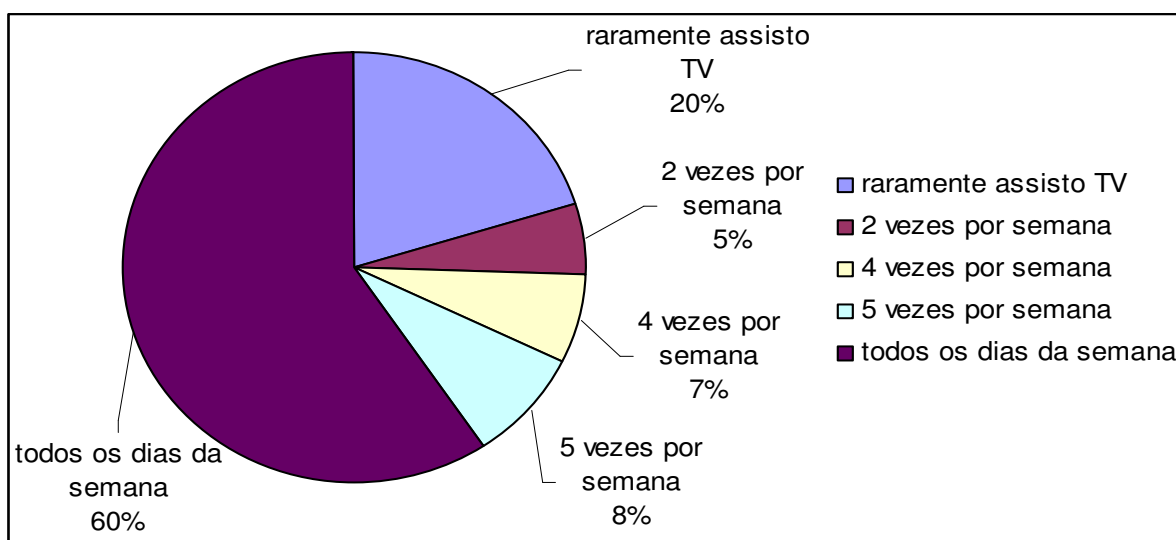
¹¹ Dados retirados do endereço eletrônico <http://www.ipece.ce.gov.br/metas.pdf> acesso em 30 de abril de 2007.

TV, subindo para 99% no hemisfério norte-ocidental. As crianças de todo mundo passam uma média de três horas diárias na frente da tela [...] (SILVA, 2005, p.23).

Além disso, destacam-se os dados da Unesco¹², mencionados por Wainberg (2005, p.35), os quais apontam que no Brasil esta média é ainda maior, com 3,9 horas diárias. Os jovens de até 14 anos passam 28 horas semanais em frente a televisão; tempo maior do que a média de 23 horas na escola.

As respostas relativas à distribuição dos pesquisados por média de tempo que assistem a TV por semana estão no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 - Frequência que os pesquisados assistem TV por semana.



O gráfico 2 mostra que a maior parte dos alunos (60%) assiste a TV todos os dias da semana. Por sua vez, 8% dos participantes do estudo relataram assistir a TV cinco vezes por semana, 7% quatro vezes por semana, 5% duas vezes por semana, enquanto 20% afirmaram que raramente assistem a TV.

Conforme analisado por Strasburger, pesquisas indicam que os jovens hoje passam muito tempo na frente da TV:

A criança norte-americana média assiste aproximadamente 23 horas de TV por semana; o adolescente médio assiste aproximadamente 22 horas por semana.[...] Quando o videocassete e os jogos de computador são acrescentados, os adolescentes podem passar até 35 a 55 horas por semana na frente do aparelho de TV. (STRASBURGER, 1999, p. 14).

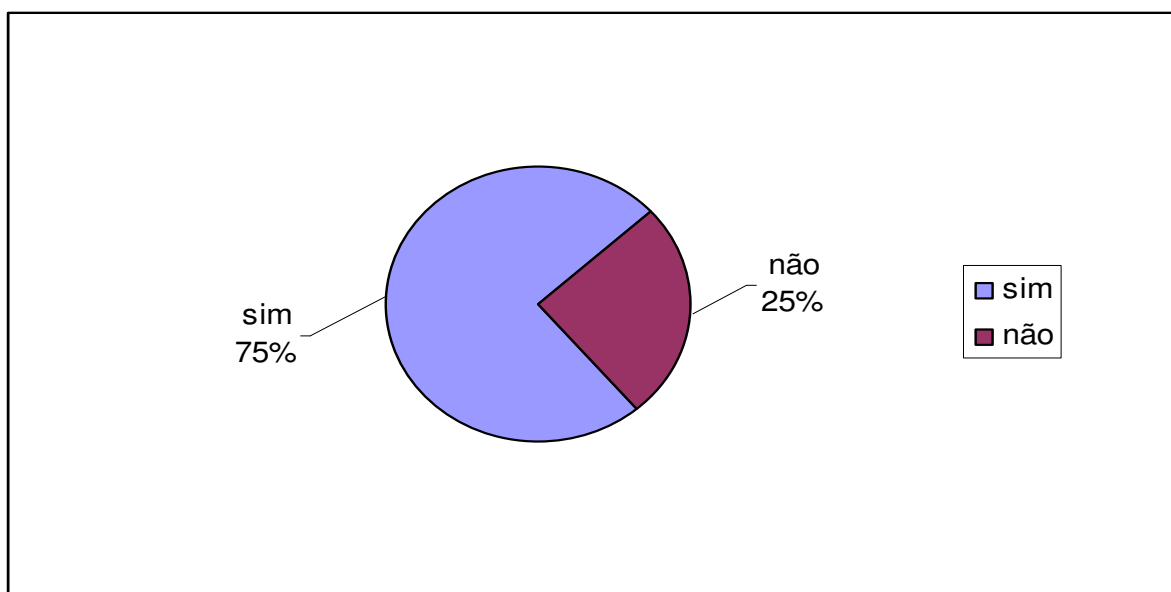
Esse contexto leva a pensar no poder de influência da televisão no comportamento dos jovens, e, em que medida a apresentação de conteúdos

¹² Cf. JUNIOR, Luiz costa Pereira (org.). **Ávida com a TV**. São Paulo: Senac, 2002.

violentos pela televisão poderá proporcionar o aparecimento de atitudes violentas. Somados os percentuais daqueles que responderam assistir a TV todos os dias da semana, cinco e quatro vezes por semana totalizam 75% da amostra, o que constitui um valor significativo.

As respostas relativas à distribuição dos pesquisados pela existência de violência na TV por semana estão no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 - Frequência de percepção da violência na TV.



Os dados apresentados que comprovam a existência de violência na TV foram de 75%, já dos pesquisados que disseram não haver violência representou 25% da amostra. O professor Bezerra reconhece a existência e o aumento da violência na TV em diversas pesquisas realizadas no Brasil e no Exterior. Como esclarece:

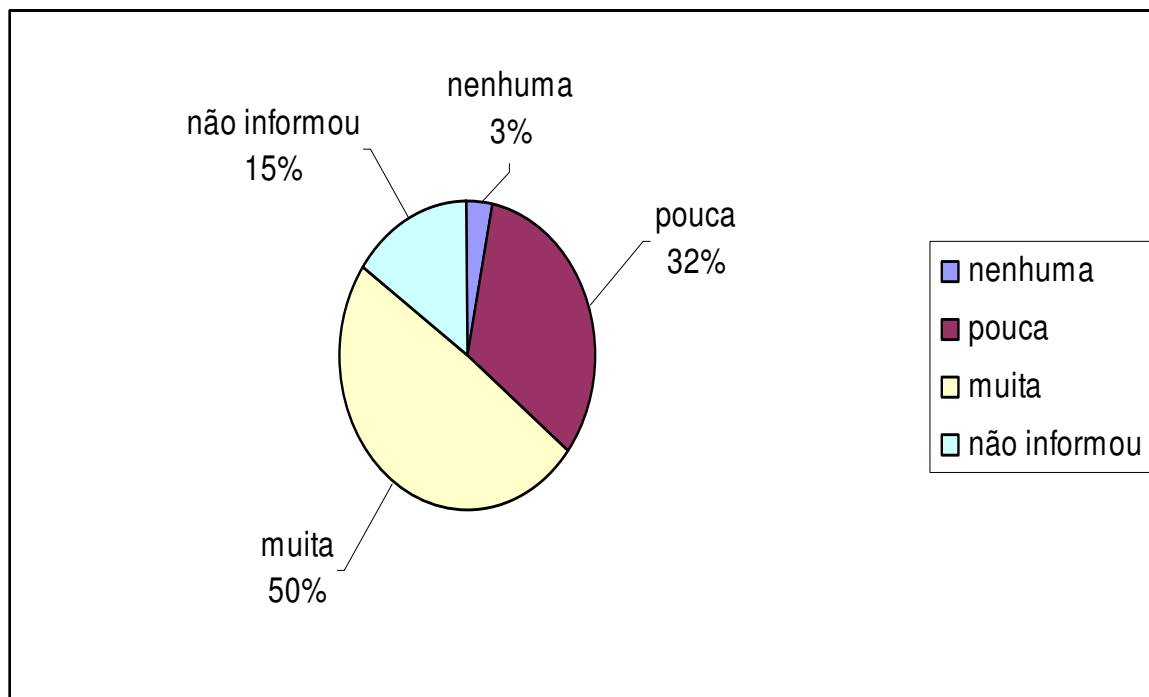
O representante do Brasil na Unesco, Jorge Werthein afirmou: tem havido um aumento significativo da violência na televisão e no cinema, enquanto a situação da violência entre os jovens tem-se tornado dramática [...] é preocupante o aumento significativo da violência nos meios de comunicação brasileiros. (BEZERRA, 1999, p.33).

Apesar do reconhecimento da presença de violência na TV, os pesquisados parecem não se opor de forma assertiva a assistir cenas de violência, conforme o Gráfico 6¹³, revela que 65% das pessoas manteriam a TV ligada no canal, mesmo durante a exibição de cenas de violência, o que pode confirmar a existência de uma “cultura da violência” já mencionada por Rocha (1999 p. 86).

¹³ Cf. Distribuição do comportamento dos pesquisados em relação a cenas violentas na TV. p. 40.

As respostas relativas à distribuição dos pesquisados pela intensidade de violência na TV estão no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 - Distribuição da percepção da intensidade da violência dos pesquisados.

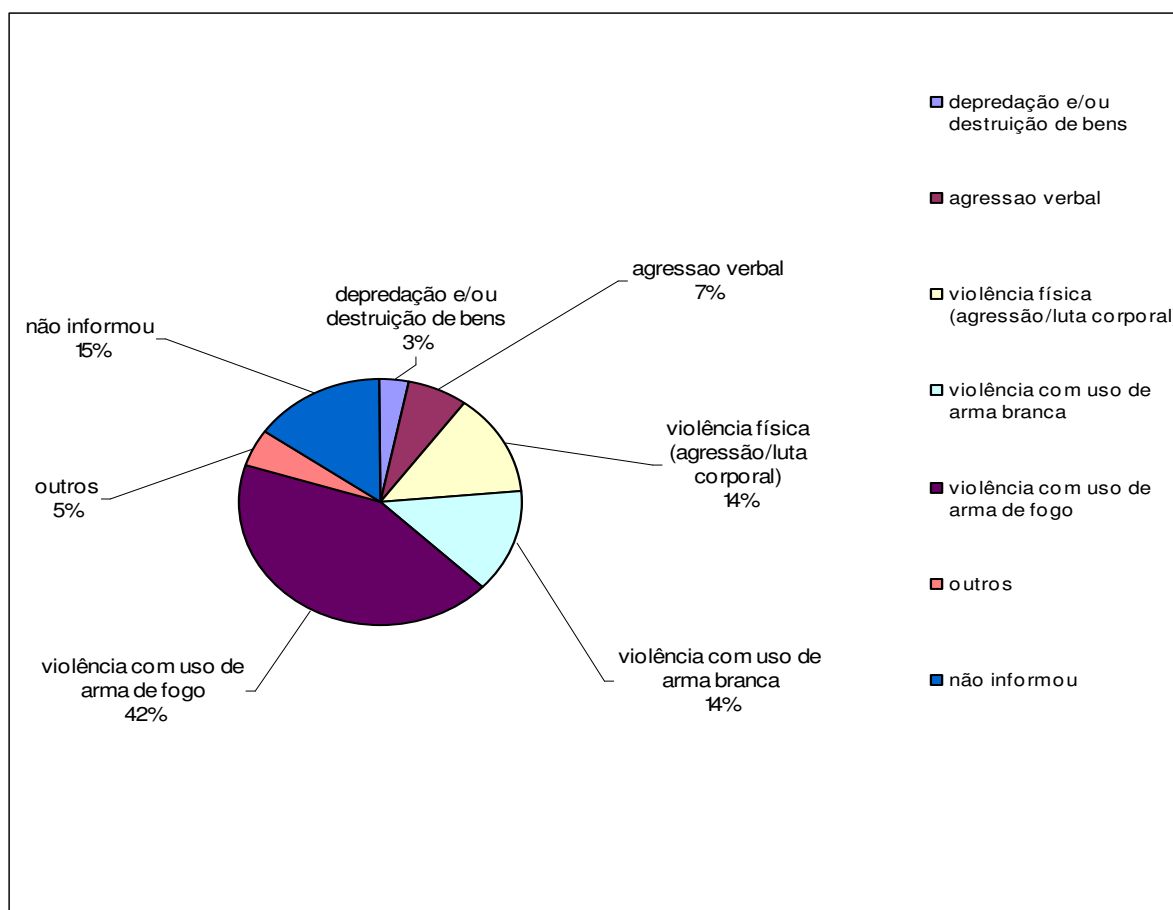


Dos alunos pesquisados, 50% informaram que percebem como “muita” a violência na TV. Por outro lado, 32% responderam perceber “pouca” a violência na TV e 3% “nenhuma”. O restante dos participantes do estudo (15%) não responderam a essa questão.

Com relação a esses dados, nota-se uma certa ambivalência na percepção do fenômeno violência na TV. Enquanto metade dos pesquisados entende que a programação televisiva contém muita violência, um percentual significativo (35%) vê como pouco ou nenhuma violência na televisão.

As respostas relativas ao tipo de cena violência recentemente assistido na TV estão distribuídas no Gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5 - Distribuição das cenas de violência assistidas recentemente na TV.

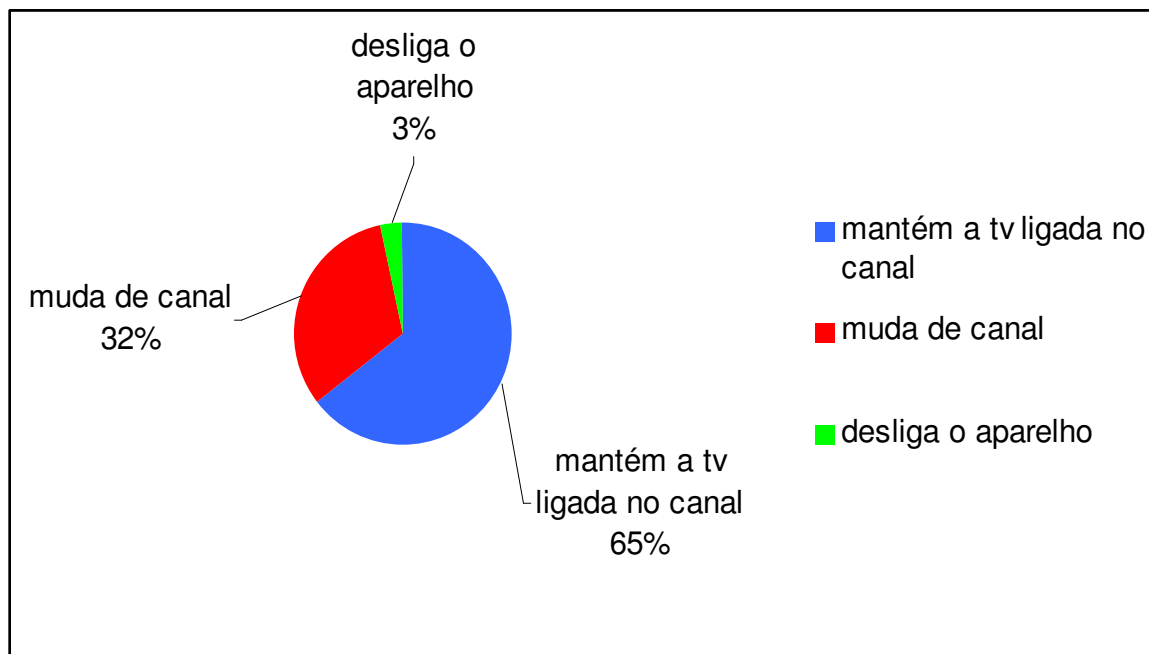


Os dados indicam que a TV veicula cenas de violência principalmente com o uso de arma de fogo (42%), seguida de uso de arma branca (14%), violência física (14%), agressão verbal (7%) e depredação e/ou destruição de bens (3%). Dos alunos, 15% não responderam a esse item do questionário.

A cobertura da imprensa e a programação de filmes e seriados têm privilegiado cenas em que há matanças cometidas por indivíduos psicologicamente alterados que utilizam, geralmente, armas de fogo para executarem suas vítimas. Conforme explica Wainberg (2005, p.37), trata-se de uma forma de atrair ao público e aumentar a audiência.

As respostas relativas ao que o pesquisado faz quando o canal exibe cenas violentas estão distribuídas no Gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6 - Distribuição do comportamento dos pesquisados em relação a cenas violentas na TV.



Ao assistirem cenas violentas na TV, 65% dos estudantes informaram manter a TV ligada no canal, enquanto 32% relataram mudar de canal. Apenas 3% dos participantes do estudo responderam que desligam o aparelho de TV sob essas circunstâncias. Sobre esse assunto expõe Regina Zappa¹⁴ (1998, apud BEZERRA, 1999):

O privilégio da banalização da violência pela mídia não tem endereço, classe social, raça, crença religiosa, ou modelo cultural específico. Chega a todos [...] A violência da mídia entra quando a criança está buscando orientação, quando ela não obtém orientações ou modelos de comportamento do ambiente familiar ou quando ela já aprendeu que a violência é normal [...]

E ainda, esclarece Michaud:

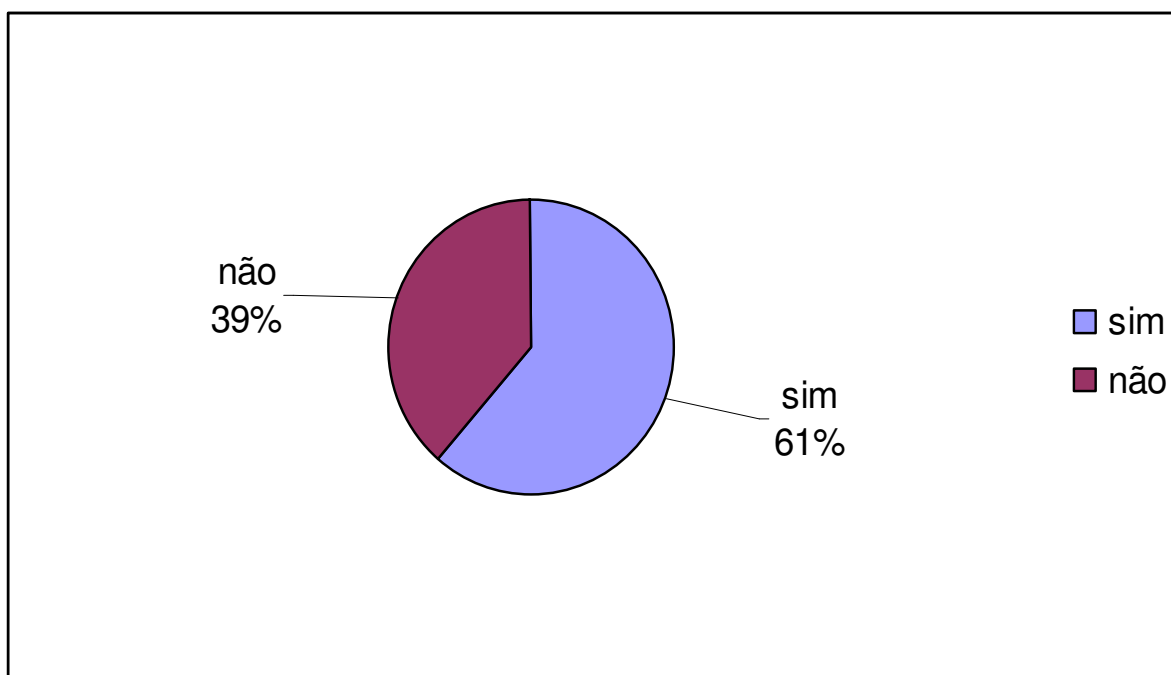
Estudos recentes reconhecem, em laboratório, uma correlação entre observação da violência e agressão. Os estudos em meio real são menos significativos. Mas não há dúvida de que as imagens de violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é [...] (MICHAUD, 1996 apud PORTO, 2002 p. 51).

¹⁴ Zappa, Regina. A violência na sala de estar, Jornal do Brasil, 31/5/1998, Caderno B.

Esses dados podem indicar que, para a maioria dos alunos, as cenas de violência não apresentam um desconforto tamanho que os levem a tomar a atitude de evitar assisti-la, seja optando por outro canal ou por desligar a TV.

As respostas relativas ao que o pesquisado acha se as cenas violentas na TV podem influenciar as pessoas a cometerem atos de violência estão distribuídas no Gráfico 7, a seguir:

Gráfico 7 - Distribuição da opinião dos pesquisados se as cenas violentas na TV podem influenciar as pessoas a cometerem atos de violência.



O gráfico 7 demonstra que a maioria dos estudantes (61%) acredita que a TV pode exercer influência na prática de atos de violência. Dos pesquisados, 39% responderam “não” a essa questão.

Os dados mostram que, apesar de não haver uma relação direta entre a violência veiculada na TV e a disseminação de atos violentos pelos telespectadores na literatura científica, há uma crença por parte dos respondentes que a violência na TV influencia a prática da violência no cotidiano.

A respeito da crença dos pesquisados, deve-se pensar a violência como fenômeno plural, que possui múltiplas causas na contemporaneidade conforme expõe Porto (2002, p. 169). Portanto, seria um erro de julgamento atribuir a responsabilidade do fenômeno apenas à TV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado buscou auferir a percepção dos alunos de uma escola de periferia no que se refere ao fenômeno violência na mídia, especificamente na TV. Os dados coletados e analisados permitiram o delineamento da visão que os jovens estudantes têm da violência na TV, dando base para a construção do relatório nas nuances como: as cenas de violência vistas recentemente na TV, o entendimento de que a TV pode influenciar na prática de atos violentos e a quantidade de tempo que os jovens passam em frente a TV.

A análise da percepção dos jovens residentes na periferia do Distrito Federal sobre o fenômeno revelou uma visão de que a mídia apresenta grande quantidade de cenas violentas na programação. Os resultados mostraram haver uma certa aceitação das cenas de violência veiculadas pelas emissoras de TV. Interpretados dessa forma, os resultados podem ser relacionados à idéia de que existe uma “cultura da violência”, referenciada por Rocha (1999, p. 86), nas sociedades contemporâneas. Tal cultura permeia a sociedade, a segurança pessoal e a integridade física nas instituições e nas ruas. Com medidas paliativas e sazonais, a máquina governamental torna-se inoperante no controle da incidência de atos de violência.

Nesse contexto, insere-se a freqüente exposição das pessoas a cenas violentas sem que haja uma significativa sensibilização ou análise crítica por parte dos telespectadores. É importante destacar que, além do contexto social amplo do qual a violência é parte constituinte, somam-se a isto as especificidades do local em que o estudo foi realizado, ou seja, falta de recursos, infra-estrutura precária, poucas vagas no mercado de trabalho, dificuldade de acesso ao ensino. Ainda a ausência de opções de lazer: quadras de esporte, clubes, cinemas, bibliotecas, entre outros. Assim, o fenômeno da violência vem a contribuir com a situação de descaso e abandono das periferias.

No estudo, verificou-se uma percepção de que existe violência na TV; bem como de que a intensidade dessa violência é “muita” na visão da metade

dos pesquisados. Os alunos passam boa parte do tempo em frente à TV tanto em número de horas diárias quanto na frequência de dias na semana.

Há uma necessidade dos jovens, sujeitos constantemente a influência da TV, buscarem, nos programas televisivos, conteúdos educativos; sem a presença constante de cenas de violência.

Uma síntese dos dados mostra o nível percepção da violência na TV. Cerca de 60% dos jovens assistem TV todos os dias da semana e 75% assistem à TV mais de 1 hora por dia. Setenta e cinco por cento dos alunos têm a percepção que existe violência na TV e 49,15% percebem a violência na TV como muito intensa.

Ainda em relação aos pesquisados, 61,02% acreditam que a violência na TV pode influenciar as pessoas a cometerem atos de violência e 42,5% viram recentemente uma cena de violência na TV envolvendo o uso de arma de fogo. Quanto a atitude quando a TV exibe cenas de violência, 64,41% das pessoas da pesquisa mantêm a TV ligada no canal quando este exibe cenas de violência e apenas 3% dos pesquisados se recusam a assistir cenas de violência na TV desligando o aparelho.

É nas localidades pobres, nos grandes bolsões de miséria que devem ser discutidas e trabalhadas políticas comunitárias que visem a atenuar a violência e possam reverter o processo continuado de agressões, barbárie e desrespeito à dignidade e à vida. Além disso, os resultados e conclusões obtidos neste estudo podem auxiliar na elucidação e identificação de obstáculos ou dificuldades verificados na compreensão do fenômeno da violência, por intermédio das informações obtidas.

Portanto, para a sociedade, o estudo da violência, seja qual for a forma de apresentação, é relevante, pois fornece subsídios para combatê-la, visto que ela possui desdobramentos econômicos, sociais, políticos, culturais e individuais. É importante, portanto, propor novas formas de combate à mesma, em vez de limitar-se às atitudes repressivas.

Com relação ao desenvolvimento do estudo, registram-se dificuldades na elaboração da monografia, tais como: a complexidade do objeto estudado (o campo vasto da violência), bibliografia sobre o tema e as abordagens

teóricas não terem muitos pontos de contato, causando controvérsias na interpretação dos resultados.

Outro ponto relevante refere-se ao reduzido número de participantes, fato este que limita as conclusões da pesquisa e dificulta a generalização dos resultados para outras populações. Porém não impede de se tecer conclusões importantes acerca da influência da TV no comportamento dos jovens.

O público-alvo que compõe a amostra é de alunos da 8ª série do ensino fundamental. Alunos estes que se encontram em uma fase de transição para uma vida adulta precoce, sem perspectivas para o ingresso no ensino superior e na busca de uma colocação no mercado de trabalho. São, em geral, jovens adolescentes com certos conflitos, buscando definir uma identidade e se impor diante das diferenças e desigualdades existentes. Considerou-se, em virtude disto, que este público seria o ideal para a composição da amostra. O número reduzido da amostra também se justifica pelo fato deste estudo ter um caráter exploratório, de maneira a buscar maiores informações sobre o tema pesquisado, além da realização de futuras pesquisas sobre o assunto.

A contribuição desta monografia interage com essa dificuldade, e é motivada pela busca do conhecimento e de contribuição para a área de concentração da pesquisa, bem como para a realização de projetos futuros.

Por fim, cabe informar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a análise da direção da escola estudada, de forma que o gestor possa refletir nos possíveis problemas encontrados no tocante à violência.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2001.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.
- ARNALDO, Carlos; FINNSTRÖM, Asa. Juventude e Comunicação. CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Von Cecília (orgs.). **A criança e violência na Mídia**. Tradução Maria Elizabeth Santo Matar, Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez; Brasília : Unesco, p.39-46, 1999.
- ARPINI, Dorian Mônica. “Adolescência e violência: reflexões a partir da história”. *in Psicologia Argumento*, São Paulo, Ano XVII, nº XXIV, p. 99-112, abr. 1999.
- BEZERRA, Wagner. *Manual do Telespectador insatisfeito*. São Paulo: Summus, 1999.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. tradução Carmen C. Varrialle [et. al.] *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRASIL. Lei Nº 8069, de 16 de julho de 1990. Estatuto da Criança e da Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 2 de abril 2007.
- BRASIL. Senado Federal (1998). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. Brasília, 2005.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. “As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes”. *in Educação e Pesquisa*, v.27, nº 1, jan./jun. 2001.
- CARDOSO, Ruth. “Aventuras de antropólogos em campos ou como escapar das armadilhas do método”. *in Ruth CARDOSO. (org). A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

- CHARLOT, Bernard. "A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão". in **Sociologias**, Porto Alegre, Ano 4, nº 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.
- COSTA, Márcia Regina. *A violência Urbana é particularidade da sociedade brasileira?* in **São Paulo em Perspectiva**, 13(4), p. 3-12, 1999.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é Cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).
- DIZARD JUNIOR, Wilson. *A Nova Mídia: A comunicação de massa na era da informação*. Tradução: Edmond Jorge. Revisão técnica: Tony Queiroga. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DUARTE, Rosália; LEITE, Camila; MIGLIORA, Rita. Crianças e Televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a TV. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, nº 33, p.497-564, set./dez. 2006.
- GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. Ed. Abril: Brasiliense, São Paulo, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- HOUAISS, Antônio . *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0, dez 2001.
- LIBERAL, Edson Ferreira *et al.* Escola Segura. *Jornal de Pediatria*. Vol. 81, nº 5 (supl), p. S155-S163, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. Ed. Scipione: São Paulo, 1994.
- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MICHAUD, Yves. *A Violência*. São Paulo, Ática, 1989.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- PEREIRA, Maria Auxiliadora. *Violência nas escolas – Visão de professores do ensino fundamental*. 2003. 128 f. Dissertação Mestrado – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto-SP, 2003.
- PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, nº 8, p. 152-171, jul/dez, 2002.
- QUESTÕES da infância e da adolescência na escola. Brasília: Instituto Educar da Infância e da Juventude, 2002.

- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- RISTUM, Marilena; BASTOS, Ana Célia de Sousa. Violência Urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. *Ciência & Saúde Coletiva*, Bahia, 9 (1): p. 225-239, 2004.
- ROCHA, Rosamaria Luiza de Mello. Uma cultura de violência na cidade? Rupturas, estetizações e reordenações. *Perspectiva*. São Paulo, 13(3), p. 85-94, 1999.
- RODRIGUES. Aroldo *Psicologia Social*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SILVA, Luiz Martins da. *Teoria da Comunicação no Século XX: três pólos irradiadores – Chicago, Birmingham e uma dezena de caminhos*. 3ª ed. Brasília, DF: Casa das Musas, 2005.
- SILVERSTONE, Roger. *Por quê estudar a mídia ?* São Paulo: Loyola, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre-RS: Sulina: Edipucrs, 2002.
- STRASBURGER, Vitctor C. *Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico*. Porto Alegre-RS: Artes Médicas Sul, 1999.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, insegurança e imaginário do medo. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 47, p.51-66, dez./98.
- VERGARA. Sylvia Constat. *Projetos e Relatórios de pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 1998.
- WAINBERG, Jacques Alkalai. *Mídia e Terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.
- WRIGHT, Charles Robert. *Comunicación de masas: una perspectiva sociológica*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1963.
- < <http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>> acesso em 15 de junho de 2007.
- < <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/#>> acesso em 2 de abril de 2007.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

Questionário

Nº _____

Este questionário se destina a levantar dados para estudos que serão utilizados em uma pesquisa do Centro Universitário - UniCeUB para a monografia de conclusão de curso. O pesquisador garante absoluto sigilo a respeito das informações individuais prestadas e os resultados desta pesquisa só serão divulgados em forma de tabelas e correlações estatísticas. Obrigado por sua colaboração.

- 1) Qual sua idade? _____ anos.
- 2) Qual é seu sexo?
 1. ☐ - Masculino.
 2. ☐ - Feminino.
- 3) Qual a média do tempo que você assiste TV por dia?
 1. ☐ - não assisto TV .
 2. ☐ - de menos de 1 hora diária.
 3. ☐ - de 1 a 3 horas diárias.
 4. ☐ - de mais de 3 até 8 horas diárias.
 5. ☐ - de mais de 8 horas diárias.
- 4) Com que frequência você assiste TV por semana?
 1. ☐ - raramente assisto TV .
 2. ☐ - 2 vezes por semana.
 3. ☐ - 4 vezes por semana.
 4. ☐ - 5 vezes por semana.
 5. ☐ - Todos os dias da semana.
- 5) Você acha os programas exibidos na TV violentos?
 1. ☐ - Sim.
 2. ☐ - Não. (Neste caso vá para a questão 8).
- 6) Em que intensidade você vê a violência na TV?
 1. ☐ - Nenhuma
 2. ☐ - Pouca.
 3. ☐ - Muita.
- 7) Qual cena de violência você assistiu recentemente na TV?(Marque apenas uma)
 1. ☐ - de depredação e/ou destruição de bens.
 2. ☐ - de agressão verbal.
 3. ☐ - de violência física.(agressão/luta corporal)
 4. ☐ - de violência com uso de arma branca (faca, porrete, canivete etc.).
 5. ☐ - Agressão de arma de fogo.
 6. ☐ - Outras.(_____).
- 8) Você acha que a exibição de cenas de violência na TV pode influenciar as pessoas a cometerem atos de violência?
 1. ☐ - Sim.
 2. ☐ - Não.
- 9) O que você faz quando um canal ou programa de TV exibe cenas violentas?
 1. ☐ - Mantém a TV ligada no canal.
 2. ☐ - Muda de canal .
 3. ☐ - Desliga o aparelho.